

## O PAPEL DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS NOS ESTUDOS VARIACIONISTAS E DE CONTATO DIALETAL NO PB

### THE ROLE OF LINGUISTIC ATTITUDES IN VARIATIONAL AND DIALECTAL CONTACT STUDIES IN BP

MIKAYLSON ROCHA DA SILVA  
Universidade Federal da Paraíba  
mikaylson\_rocha@hotmail.com

ALMIR ANACLETO DE ARAÚJO GOMES  
Universidade Federal de Campina Grande  
almir.ufcg@gmail.com

Embora haja um número significativo de estudos relacionados à atitude linguística no âmbito acadêmico internacional, Lambert (1967); Giles *et al.* (1982; 1991); Fernández (1998); Coupland (2007), ainda há certa escassez de trabalhos no que concerne a esse fenômeno nas variedades do português brasileiro tanto em situação de contato dialetal quanto em estudos variacionistas. Desta maneira, tendo em vista que esta pesquisa é de caráter qualitativo e que visa teorizar e esclarecer o papel das atitudes no que diz respeito à relação língua, sujeito e sociedade, esta pesquisa terá como objetivo geral o de analisar alguns estudos já realizados sobre o papel das atitudes linguísticas no Português Brasileiro (PB) em situação de contato dialetal, variação ou suavização de registro em comunidades de fala. Para dar forma que compõe o *corpus* deste estudo, selecionamos 8 estudos, os quais abrangem os gêneros: artigo científico, dissertação de mestrado e tese de doutorado.

**Palavras-chave:** Atitudes linguísticas, sociolinguística variacionista, dialetos em contato

Although there are a significant number of studies related to the linguistic attitude in the international academic field Lambert (1967); Giles *et al.* (1982; 1991); Fernández (1998); Coupland (2007), there is still a shortage of works regarding this phenomenon. In Brazilian Portuguese varieties, both in dialectal contact and in variationist studies. Thus, considering that this research is qualitative and that aims to theorize and clarify the role of attitudes regarding the relation between language, individual and society, this research will have as its general objective to analyze some studies already done on the role of linguistic attitudes in Brazilian Portuguese (BP) in dialectal contact, variation or smoothing of record in communities of speech. To shape the *corpus* of this study, we selected 8 studies, which cover different academic genres: papers, master's dissertation and doctoral thesis.

**Keywords:** Linguistic attitudes, variationist sociolinguistics, dialects in contact

## 1. INTRODUÇÃO

**A** Sociolinguística é a ciência que analisa o comportamento linguístico de um ponto de vista sociológico. Deste modo, estudos variacionistas têm como premissa básica os fatores sociais e linguísticos, tais como: idade, sexo, tempo de residência, contexto fonológico e dentre outros fatores.

Desta maneira, a sociolinguística se constitui como uma disciplina que estuda a língua e sua relação com a sociedade e a cultura. Essas relações podem se configurar em três direções: a influência da sociedade na língua, a variação de fenômenos socioculturais e linguísticos e a influência da língua na sociedade.

Tendo em vista a importância que a comunidade de fala ganhou para os estudos da Sociolinguística Variacionista, Gumperz (1986) delinea a importância da comunidade de fala para os estudos da linguagem, ao dizer que estas comunidades variam em seu grau e natureza da relação linguística entre as variáveis intracomunitárias e é esta a principal relação responsável pela mudança social e a mais reveladora de todo tipo de informação social.

Embora haja um número significativo de estudos relacionados à atitude linguística no âmbito acadêmico internacional Lambert (1967), Giles *et al.* (1982; 1991), Fernández (1998), Coupland (2007), ainda há certa escassez de trabalhos no que concerne a esse fenômeno nas variedades do português brasileiro. Nos últimos anos, contudo, pesquisas como as de Lopes (2012), Chacon (2012), Lima (2013) e dentre outros pesquisadores, propuseram a analisar o processo de acomodação linguística em falantes do português brasileiro e avaliações atitudinais de ouvintes nativos quanto às variações locais no estilo jornalístico de comunicação.

Considerando a relevância desse estudo para a área acadêmica da sociolinguística variacionista, acreditamos que as atitudes linguísticas são como expressão da substância social em resposta às variações de uma língua, portanto, não podem ser tomadas como explicitam os autores Oliva e Serrano (*apud* Lopes, 2012: 26) “como uma mera série de escolhas, mais ou menos automáticas realizadas pelo falante”, mas como possibilidades em detrimento ao impacto que essas escolhas acabam gerando no interlocutor. De modo geral, as atitudes estão basicamente ligadas à escolha linguística de um significado particular (Lopes 2012).

Deste modo, tendo em vista que esta pesquisa é de caráter qualitativo e que tem por objetivo o de teorizar e esclarecer o papel das atitudes linguísticas no que diz respeito à relação língua, sujeito e sociedade, este estudo terá como objetivo geral o de analisar alguns trabalhos já realizados sobre o papel das atitudes linguísticas no Português Brasileiro (PB) em situação de contato dialetal, variação ou suavização de registro em uma comunidade de fala.

Observamos, por fim, a relevância em estudar fenômenos como este aqui em pauta, que atravessam questões atitudinais de sujeitos quanto à variedade do dialeto de origem, de contato ou quanto à variação oral de algum registro de uma comunidade de fala ou de uma comunidade de prática. É pertinente também ressaltar que os estudos em atitudes podem esclarecer as variáveis de controle de pesquisas na sociolinguística, como foi o caso dos trabalhos realizados por Aguilera (2008), Chacon (2012) e Silva (2016), e também nos estudos da sociofonética e em percepção dialetal, que temos contribuições como as de Lopes (2012), Clopper & Pisoni (2001; 2004) e dentre outros estudos.

## 2. CONCEITUAÇÃO TEÓRICA SOBRE AS ATITUDES LINGUÍSTICAS

Os estudos em atitudes linguísticas se tornaram cada vez mais relevantes, pois como bem afirmam os autores que desenvolveram os estudos em atitude linguística, Lambert (1967), Fernández (1998), Coupland (2007) e Giles *et al.* (1982; 1991), as atitudes são consideradas como aspectos *psicossociais* expressados pelo indivíduo de maneira positiva ou negativa, e que podem influenciar no processo de convergência ou divergência linguística.

A ciência que se ocupa desses aspectos teóricos de atitudes é a *sociopsicologia*. No entanto, na Sociolinguística, as atitudes são tomadas como parâmetros explicativos de análise do comportamento linguístico vinculado a variantes específicas de uma variedade.

Considerando as atitudes dialetais como expressão da substância social em resposta às variações de uma língua, Lambert (1967) acredita que determinados padrões de uma língua estão imbuídos de estereótipos de fala, os quais os falantes percebem, avaliam e julgam determinado comportamento linguístico tendo como base os valores estigmatizados social e culturalmente.

Para Kaufmann (2011: 122), a atitude linguística “é um estado mental neutral de prontidão, organizado a partir de experiências e exercendo uma influência diretiva ou dinâmica sobre a resposta de um indivíduo a todas as situações ali envolvidas”. Assim, compreendemos que as atitudes são uma espécie de disposição para reagir favorável ou desfavoravelmente a uma situação dialógica e que pode influenciar comportamentos positivos ou negativos quanto à acomodação a um dialeto.

Assim, é necessário afirmar que os estudos de atitudes não podem ser tomados como explicações generalizadas sobre determinado comportamento linguístico. Estudos em atitudes podem prever uma correlação entre o objeto em que se pretende estudar e padrões gerais de comportamento linguístico. Isto é, a relação entre atitude e comportamento só é compatível quando se avalia a atitude do indivíduo em relação ao comportamento, mas não a relação atitudinal quanto à meta que se pretende investigar do comportamento (Kaufmann, 2011).

Para Kaufmann (2011), a incoerência entre o objeto de atitudes e um determinado comportamento pode gerar alguns *insights* para explicar a variação em determinada comunidade de fala. A autora ainda ressalta que “apesar de normalmente se assumir que as atitudes preveem comportamento social (...) parece haver uma lacuna entre o que as pessoas dizem (suas atitudes expressas) e o que fazem (comportamento linguístico)” (Kaufmann, 2011: 125).

Outro parâmetro relevante a se considerar nesta pesquisa diz respeito à maneira como a consciência linguística está intimamente ligada à consciência sociolinguística, isto é, em que as crenças acerca do prestígio social atribuído a uma variedade linguística podem ser representadas por atitudes positivas. Assim, segundo Bourdieu (1999), quanto mais plural for o conhecimento cultural e social, e quanto mais interação houver nas distintas instituições sociais, menor será o preconceito linguístico.

Assim, se levarmos em consideração a consciência sociolinguística como parte integrante da competência linguística, a repercussão de juízos de valores serão amenizados pela consciência social coletiva; portanto, determinados comportamentos estereotipados e preconceituosos poderão ser também controlados ou amenizados. Deste modo, quanto maior for o mercado linguístico, ou seja, o trânsito desses falantes entre comunidades de fala diferentes, maior será a possibilidade de os colaboradores em uma pesquisa sociolinguística em entender que não há falares “agramaticais”.

No âmbito doméstico há pesquisas na Sociolinguística Variacionista, tais como as dissertações de mestrado de Lima (2013) e Chacon (2012), que tiveram em comum a análise da fricativa /s/ em posição de coda silábica. A realização desse segmento segue acompanhada por comportamentos que podem ser positivos, negativos, de aceitação e de rechaço quanto à nova realidade dialetal a que seus respectivos informantes estavam sendo expostos. No estudo de Lima (2013), a autora admite que as atitudes positivas acabam forjando uma tendência à palatalização por falantes paraibanos residentes em Recife, pois no contexto anterior às oclusivas /t/ e /d/, esse segmento se torna palatal no dialeto paraibano. Em Recife, a palatalização é motivada também em outros contextos fonológicos, tais como por consoantes labiais, coronais e dorsais.

As atitudes linguísticas foram também objetos de estudo para Chacon (2012) e Silva (2016), que investigaram a produção da coronal /s/ antes de /t/ e /d/ em situação de acomodação dialetal por falantes paulistas residentes em João Pessoa, e por falantes paraibanos residentes em São Paulo, respectivamente.

Outro estudo relevante sobre as atitudes é a tese de doutorado de Lopes (2012), na qual o autor chegou à conclusão que os ouvintes perceberam e avaliaram as diferenças entre traços linguísticos em padrão de sotaque suavizado e regional na fala do telejornalista profissional. De maneira geral, a pesquisa revela que os ouvintes tinham preferência à fala sem características de sotaque regional na fala do profissional da comunicação social.

Na pesquisa de Lopes (2012), alguns dos fenômenos linguísticos avaliados foram: a palatalização do /s/ em coda medial, monotongação, palatalização das dentais, assimilação da dental e harmonização vocálica. Essas pesquisas no âmbito acadêmico brasileiro servem como parâmetros de contribuições para o campo de estudo das atitudes linguísticas na Sociolinguística. De todo modo, a Teoria da Acomodação afirma que a convergência e divergência ao dialeto estão condicionadas a vários fatores sociais, linguísticos e *psicossociais*, e neste último caso, as atitudes são variáveis relevantes para explicar o fenômeno de acomodação dialetal.

Diante disso, Giles *et al.* (*apud* Chacon, 2012: 37) argumentam sobre o valor simbólico que variáveis linguísticas carregam: “tanto a convergência quanto a divergência podem ser positivas ou negativas [...]”, pois estão ligadas a questões emocionais. Assim, as atitudes nos estudos de dialetologia podem influenciar um falante a mudar a sua forma de falar por questões de valorização do dialeto em contato, ou vice-versa.

No universo da linguística, estes fenômenos podem ser observados a partir do que o sociólogo Pierre Bourdieu postula como “mercado linguístico”, ao afirmar que existe um mercado linguístico em que a competência funciona como capital, na qual possibilita um sistema de trocas simbólicas dentro do universo social, e essas trocas são mediadas por valores arbitrários do uso da língua e da localização de grupos socialmente providos de estratos “dominantes” sobre grupos “dominados”. Assim sendo, o poder de prestígio (*status quo*) faz as pessoas julgarem o *lugar do Outro*, desconsiderando o dialeto de menor prestígio como uma possibilidade linguística para a comunicação interpessoal.

Para Fernández (1998: 179), a atitude linguística é “uma manifestação da atitude social dos indivíduos, distinguida por estar centrada e referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz na sociedade [...]”. Portanto, as atitudes por serem norteadas por um comportamento psicossocial acabam também forjando comportamentos positivos ou negativos. Giles *et al.* (1982), Coupland (2007) e também Fernández (1998), acreditam que uma única variável linguística pode ser objeto de atitudes, dependendo do grupo e do lugar em que a interação ocorreu.

Chacon (2012), em sua dissertação de mestrado, também argumentou o papel verticalizado dos micropodres no discurso, como mecanismos de coerção e redirecionamento às atitudes. Chianca (*apud* Chacon, 2012: 41) complementa, afirmando que “o sotaque desempenha uma função identificadora, permitindo reconhecer sociológica e culturalmente um sujeito falante”. Na voz das autoras, o sotaque é a materialização da identidade de um povo, e que devido também às trocas interculturais e intersubjetivas, essa identidade linguística pode passar por ressignificações.

### 3. DIMENSÕES DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS

A grande discussão teórico-metodológica em torno das atitudes no cenário da sociolinguística está quase sempre vinculada à maneira como se obtém e como se acessa as atitudes. Segundo Lopes (2015: 20), a sociolinguística tem muito interesse no nível social, regional e étnico da variação e pouco interesse na forma como a variação é percebida, processada e codificada pelo ouvinte. Por outro lado, a variabilidade da fala quase nunca é pensada nas suas duas interfaces – a partir de quem produz e de quem percebe.

Alguns questionamentos são comumente feitos nos estudos das atitudes linguísticas, como por exemplo: como os ouvintes utilizam as informações de um sinal de voz para identificar a origem de um locutor? Quais os tipos de informação que ajudam a codificar que um falante é de um dialeto? Como essa informação é usada na percepção de fala e no processamento da linguagem? Como a experiência linguística com falantes de vários dialetos afeta a capacidade do ouvinte para discriminar, identificar ou descrever as variedades linguísticas diferentes? (Clopper & Pisoni *apud* Lopes 2012).

Estes questionamentos são basilares para que possamos compreender o fenômeno das atitudes linguísticas como respostas de sentimentos e de avaliação em relação à maneira como os sujeitos se organizam no universo da língua oral. Também observamos que estes questionamentos foram fundamentais para que se compreendessem as atitudes como um fenômeno interdependente da consciência social, dialetal e cultural; da percepção dialetológica, e, portanto, da *competência dialetal*, atribuída aqui como uma capacidade linguístico-perceptiva subordinada à discriminação, manipulação, ativação de conhecimento metalinguístico e consequentemente orientando a um determinado comportamento linguístico.

De modo geral, a maior parte dos estudos em percepção de dialetos teve como objetivo a compreensão sobre a capacidade humana em categorizar dialetos a partir da identificação regional, de etnia, gênero, classe social, comunidades de prática e também estudos em acomodação dialetal (Niedzielski 1999; Clopper & Pisoni 2004; Garret 2010).

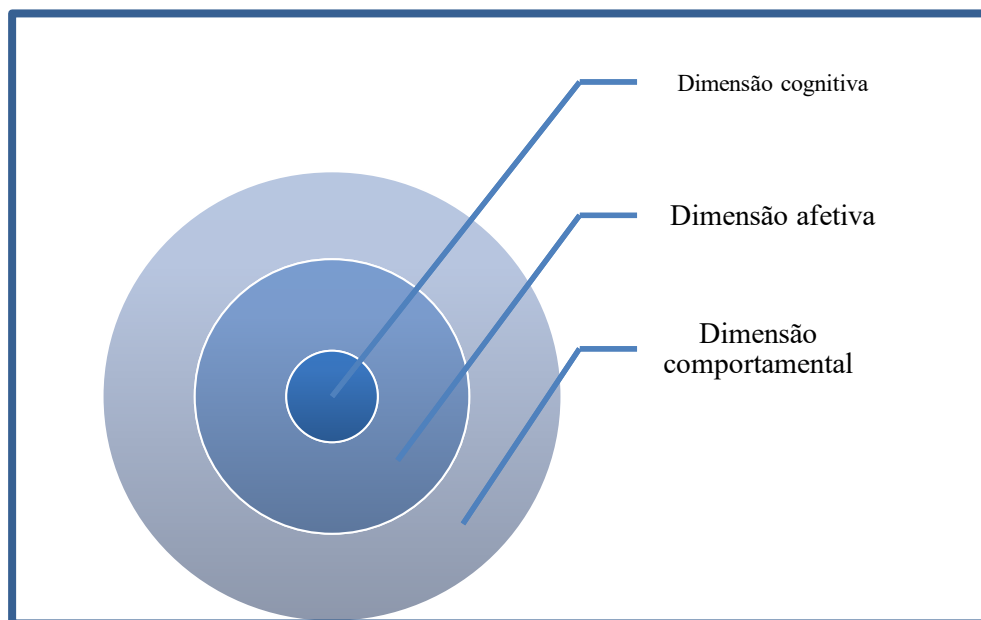
Se hoje podemos compreender as atitudes linguísticas como um fenômeno fluído e de difícil acesso é porque muitos estudos sobre o julgamento de atitudes foram feitos ora com o objetivo de entender a produção do sujeito ora com a finalidade de compreender a capacidade perceptiva do ouvinte. Assim, por muitos anos, foram elaboradas metodologias experimentais para o estudo da percepção de fala, que teve início com os estudos de Preston (1989), com a técnica *Matched Guise*. Outros métodos também foram importantes no avanço dos estudos das atitudes, tais como a imitação dialetal proposta por Markham (1999) e as tarefas de categorização e identificação dialetal propostas por Clopper & Pisoni (2004) e dentre outros métodos.

Mas afinal, o que leva uma pessoa a identificar e perceber as diferenças linguísticas e a julgar o seu interlocutor? Na sociolinguística, sobretudo no tocante aos aspectos fonético-fonológicos, Wolfram & Schilling (*apud* Lopes, 2012) afirmam que a capacidade humana em distinguir uma grande variedade de sons, incluindo os presentes na fala espontânea, pode levar o falante-avaliador a tomar decisões a partir do protótipo de fala esperado por quem avalia (escuta).

Outra crítica que é bastante feita aos estudos em abordagem direta, é que pouco se sabe ou se tem certeza sobre o tipo de julgamento feito a partir do discurso do falante. Isto é, não é uma garantia de que o falante ao discursar sobre tópicos do dia a dia, ou ao falar e avaliar de modo mais amplo sobre o dialeto de contato, que necessariamente este sujeito tenha consciência e percepção dialetais.

Grosso modo, os estudos em abordagem direta têm acesso direto às atitudes a partir de uma metodologia comparativa entre o que se “fala e avalia” do que se “produz”. Isto é, na assunção dos estudos diretos, o falante tem mais ou menos consciência sobre o que está sendo perguntado. Enquanto nos estudos de abordagem indireta, os colaboradores não têm consciência sobre o que está sendo avaliado; há também menos estratégias de minimizar a deseabilidade e a concordância social; os aspectos sobre crenças, estereótipos e preconceitos linguísticos são avaliados a partir de tarefa força; mas por outro lado, quase não há espontaneidade de fala e participação autoavaliativa, isto é, do sujeito falar sobre sua história e vivência na língua.

No esquema 1 é possível visualizarmos as dimensões das atitudes linguísticas propostas por Lambert (1967):



Esquema 1: dimensões das atitudes linguísticas de acordo com Lambert (1967)

De modo geral, segundo Lambert (1967), as atitudes possuem três níveis básicos de funcionamento, como mostra o esquema 1: o nível primário, também chamado de nível cognitivo. Este é o nível mais próximo do estímulo recebido pelo ouvinte, pois é nele que as condições neurobiológicas subjacentes à capacidade cognitiva que o indivíduo tem para memorizar, contrastar, perceber e discriminar um dado linguístico. É neste nível cognitivo que encontramos o psiquismo na linguagem, isto é, é nele que se constrói a consciência linguística e o ramo axiológico. Desta forma, é neste nível que encontramos as formas mais primárias de valores e de estereótipos de fala, visto que é neste nível que repousa toda uma consciência de valor atribuída à linguagem.

O segundo nível é o campo afetivo, que para Lambert (1967), está inter-relacionado e, de certa forma, amalgamado ao campo primário. Neste segundo nível encontram-se as atribuições de valor a partir das emoções que são atribuídas (in)conscientemente ao campo cognitivo. Ou seja, ao ouvir um registro linguístico que me remonte a um pensamento desagradável, o sujeito está atribuindo emoções à consciência linguística que ele tem sobre determinada variedade. Neste nível, o sujeito faz especulações valorativas acerca da língua, como a atribuição de um falar “correto” “agradável”, “caipira”, “favelado”, “pobre”, “rico” etc. De certa forma, podemos dizer que o nível afetivo é estimulado e retroalimentado pelo campo primário.

Por fim, Lambert (1967) postula como o terceiro nível das atitudes, o *comportamento*. É importante salientar que por comportamento linguístico, não podemos entender causalmente como a materialização de um registro linguístico previamente em contato ou treinado. O comportamento nos estudos de abordagem direta é a materialização da fala, isto é, a produção em si. Porém, em estudos de abordagem indireta, o comportamento é a avaliação linguística através das atividades de tarefa forçada para a obtenção dos dados em atitudes.

Para concluir, podemos compreender este nível de duas formas: em estudos de acomodação dialetal, nos quais os falantes migram de uma região para outra, acontecendo o fenômeno de dialetos em contato. É possível verificar em muitos estudos, como nas pesquisas de Chacon (2012), Lima (2013), Oushiro (2015) e Silva (2016), de acomodação linguística, que a convergência linguística é também motivada pela autoavaliação e pela avaliação do dialeto em contato. Desta forma, muitas vezes o nível comportamental é a maior prova de influência das atitudes para uma escolha linguística. Por outro lado, ao avaliar um material de fala, seja sobre consciência dialetal, categorização de dialetos, imitação de dialetos ou até mesmo em fala com suavização de sotaque nos estilos da comunicação social. O fato é que o sujeito é condicionado a escolher opções, estimulando os campos cognitivo e afetivo, mas não o produtivo (comportamental).

#### 4. RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÃO

Nesta seção observaremos quais as implicações que os dados em atitudes linguísticas tiveram nas pesquisas em variação e em dialetologia.

Na tese de doutorado do pesquisador Lopes (2012), que investigou alguns fenômenos fonológicos presentes no estilo telejornalístico de comunicação, e outros ausentes neste estilo, mas presentes na comunidade de fala pessoense. Isto é, o pesquisador controlou dois grupos de fenômenos fonológicos a partir de dois estímulos: um fala suavizada, a qual o autor atribui ao

estilo telejornalístico “padrão” e uma fala “regional”, a qual representa o falar comum dos cidadãos pessoenses.

Em linhas gerais, Lopes (2012) se propôs a investigar como os telespectadores paraibanos reagiriam aos dois estímulos de fala “suavizada” e regional”, a partir da identificação socioprofissional de uma telejornalista local. Isto é, como o público ouvinte paraibano percebe, categoriza e julga o falar de uma telejornalista local, que produz comunicação social para um público também local. verificamos que os ouvintes perceberam reais diferenças entre a presença de características do sotaque regional (SR) quando comparada ao sotaque suavizado (SS), tanto para cada variável linguística estudada, como de forma geral ( $p < 0,0001$ )<sup>1</sup> (Lopes, 2012).

Segundo Lopes (2012), a pergunta “percebe ou não percebe diferenças”, não quer dizer necessariamente, que dê conta de explicar quais variáveis são ou não salientes ao ouvido humano. Tampouco indicam pistas indexicais de diferentes estilos de fala. Se os ouvintes percebem ou não as variações de uma língua, eles podem usar esse conhecimento de forma consciente ou inconsciente para discriminar e atribuir valor ao que é mais ou menos saliente.

Na pesquisa, os ouvintes ainda preferiram uma fala sem características de sotaque regional na fala dos telejornalistas locais da cidade de João Pessoa, de forma geral e para cada variável em estudo ( $p < 0,0001$ ). Dessa maneira, os ouvintes tinham atitudes mais positivas quanto ao sotaque que não palatalizasse o segmento coronal /s/ em posição de coda medial, como em [mis'teriw]; os falantes também tiveram atitudes positivas com relação a não ocorrência de monotongação, como em [ˈkajʃa], [ˈpejʃis] e [ʃe'gow], embora acreditamos que esse fenômeno dependendo do tipo de juiz pudesse não ser tão saliente; palatalização da dental, como em [ˈdʒias] e dentre outros exemplos com outras variáveis citadas na pesquisa.

É relevante questionar as atitudes dos ouvintes de maneira subjetiva, já que as marcas dialetais preferidas por eles são distintas do padrão falado na região onde vivem. Podemos deduzir que, para essas escolhas, os ouvintes têm expectativas e/ou preconceitos quanto ao estilo de fala, no caso da telejornalista, que talvez, para os ouvintes, forneça uma função social de “maior” prestígio, portanto, um falar mais suavizado seria ideal para esse estilo de comunicação (Lopes, 2012).

Lopes (2012) atenta para o fato de que essa escolha também diz respeito às referências que estão armazenadas no inconsciente, que ao se materializar em atitude, gera imediatamente uma comparação e saliência ao que esperamos ouvir da fala de um telejornalista. Clopper & Pisoni (*apud* Lopes, 2012: 94) afirmam que “geralmente os julgamentos sobre categorias dialetais, correspondem a estereótipos sociais associados a grupos que representam uma variedade linguística”.

---

<sup>1</sup> A fórmula estatística padrão ( $p < 0,05$ ), comumente utilizada em estudos clínicos da medicina e da fonoaudiologia, é um parâmetro de significância estatística, que nos indica o nível de significância e/ou de veracidade sobre um fenômeno físico. Assim, podemos interpretar o nível de significância do valor de P a partir da fórmula-base  $p < 0,05$  (pouco significante) e  $p < 0,0001$  (extremamente significante). Os dados de atitudes linguísticas coletados por Lopes (2012) foram interpretados a partir desta significância estatística. E como observamos, para cada segmento do sotaque suavizado (SS), houve uma predileção por parte dos juízes em relação à fala suavizada, e assim, pouca atitude positiva em relação à fala regional no discurso do telejornalismo local. O controle das atitudes linguísticas foi feito a partir do atributo de “positividade”, assim, as variantes mais estigmatizadas, presentes no sotaque regional (SR), obtiveram um peso de significância estatística pouco relevante, diferentemente das variantes linguísticas de maior *status*, aquelas ligadas ao sotaque suavizado (SS), as quais obtiveram um peso estatístico extremamente relevante.



Quanto à associação entre a preferência e a atribuição de atitudes (negativa e positiva) para a fala da apresentadora, a pesquisa revela que a não palatalização do segmento /s/ em coda medial é de ( $p < 0,0001$ ), monotongação ( $p < 0,0001$ ), não harmonização vocálica ( $p < 0,0001$ ), palatalização das dentais ( $p < 0,0001$ ) e assimilação da dental ( $p = 0,0052$ ) e as atitudes linguísticas estudadas.

Os juízes consideraram positiva a não ocorrência da harmonização vocálica, a ausência da palatalização da fricativa /s/ antes de /t/ e /d/, a palatalização das dentais, a ausência da monotongação, isto é, os juízes manifestaram atitudes positivas em relação à forma suavizada no estilo formal (fala do telejornalista) em todas as atitudes linguísticas estudadas. Por fim, Percebemos que a contribuição de Lopes (2012) é relevante não apenas pela escassez de estudos em variação dialetal (sotaque) em consonância com a fonoaudiologia, mas também por tratar de questões de construção de estereótipos e preconceitos através de atitudes quanto à maneira que alguém fala em determinado contexto de comunicação social telejornalística.

Quanto aos estudos de atitudes linguísticas em dialetos em contato, isto é, no ramo da acomodação dialetal, observamos dois trabalhos que tiveram o mesmo objeto de estudo, mas com sujeitos e lugares diferentes, como é o caso dos estudos realizados por Chacon (2012), que investigou o fenômeno da acomodação linguística do segmento coronal /s/ antes de segmentos oclusivos surdos e sonoros /t/ e /d/ por falantes paulistas residentes em João Pessoa, e a pesquisa desenvolvida por Silva (2016), que teve o mesmo objeto fonético-fonológico, mas numa direção de migração oposta, isto é, tendo como parâmetro de análise o falar paraibano em situação de contato dialetal com o falar paulista.

Antes de observarmos os dados de atitudes linguísticas coletados por Chacon (2012) e Silva (2016), é importante ressaltar que os dados de convergência linguística, isto é, de acomodação dialetal são extremamente discrepantes. Enquanto no trabalho de Chacon (2012) foi observado um total de 65,2% de não acomodação do falar paulista ao falar paraibano, os dados coletados por Silva (2016) mostram que os paraibanos acomodaram em 68% das ocorrências gerais do mesmo segmento ao falar paulista. Em situação de “etnografia”, nomeado por Silva (2016) como uma forma mais espontânea de coleta e que outros interlocutores estão inseridos no processo de comunicação social, os dados são ainda mais promissores ao efeito da acomodação dialetal. Foi observado um total de 92% de convergência linguística dos falantes paraibanos em relação ao falar paulista, nesta situação de interação.

Estes dados só corroboram com a premissa do prestígio linguístico encoberto postulado por Labov (1983), no qual as variantes *standards* são prestigiadas por forças cristalinas (mas também pelas forças não cristalinas) como é o caso da academia, das gramáticas tradicionais que prescrevem os usos e os seus contextos. Por outro lado, se há contrapressão que prestigie o uso vernacular em relação ao informal é porque forças de prestígio linguístico são mais sutis para as variantes *standards*, as quais não são questionadas, pois elas são tidas ainda como referência.

Se observarmos os dados de atitudes linguísticas coletados por Chacon (2012) e Silva (2016), compreenderemos que eles também são espelho do real motivo de ter havido menos convergência linguística do falar paulista ao falar paraibano, do que o inverso. *A falante 10* do trabalho de Chacon (2012) manifesta atitudes linguísticas com relação aos falares em contato:

Em termos de sotaque, eu gosto do sotaque nordestino, eu acho um negócio mais despojado

(Chacon, 2012: 98)

A mesma falante argumenta sobre o porquê do paulista não mudar tanto a maneira de falar numa situação de migração:

Eu acho que sim, não porque o estado tenha algo a mais que os outros estados, acho que é pelo que São Paulo representa dentro deste contexto (...) que é um estado altamente representativo.

(Chacon, 2012: 99)

A estratégia cognitiva feita pela *falante 10* em relação ao questionamento se os paulistas mudam a maneira de falar para se inserir em grupos sociais, mostra que ela acredita que a hegemonia linguística do falar paulista, ou dos falares do Sudeste e Sul, é marcada pelo desenvolvimento socioeconômico destas regiões. A mesma falante replica as atitudes linguísticas que são recorrentes nos discursos xenófobos de paulistas em relação aos falares do Nordeste, ao dizer:

muitas pessoas de lá (SP) pensam que o pessoal daqui é ignorante, então quando escuta que a pessoa tem o sotaque nordestino já acha que a pessoa é ignorante, que é burra, que não tem estudo.

(Chacon, 2012: 97)

A mesma falante relata ter passado por momentos difíceis em João Pessoa apenas por ser paulista, e em uma das falas, a colaboradora resgata algumas atitudes negativas dos falantes pessoenses em relação ao falar paulista (neste caso, em relação à falante):

Então, coisas de primeiro dia de aula... o pessoal pensa... que eu era a riquinha que vim de São Paulo. Olha a paulistinha...!

(Chacon, 2012: 87)

O “preconceito” vivenciado pela falante remonta a impossibilidade de um preconceito reverso, isto é, de uma forma de preconceito que não é recorrente no processo histórico dos falantes de minoria, já que não é o caso da falante. Se esta forma de preconceito fosse real e representasse uma violência simbólica, outros efeitos viriam acompanhados, como o maior, a mudança linguística, isto é, a acomodação dialetal, a qual foi mais saliente nos dados coletados por Silva (2016).

No trabalho de Silva (2016) há alguns relatos de opressão linguística acompanhados pela necessidade de mudar a maneira de falar para ser aceito pelo interlocutor paulista. Em dois destes relatos podemos observar a avaliação linguística a partir da categorização do atributo profissional que se espera de um migrante nordestino:

(...) Eu preciso lembrar a eles de que sou arquiteta, pois toda vez pensam que sou doméstica apenas por falar como uma paraibana. Eles acham que todo nordestino é pedreiro ou doméstica aqui em São Paulo.

(Silva, 2016: 86)

A percepção da atitude negativa, ou estereotipada, do paulista em relação à migração nordestina na capital foi narrada diante de revolta e dor pela falante, pois ao dizer que “é preciso lembrar a eles de que sou arquiteta”, a falante nos relata que foram várias as vezes em que ela foi comparada a uma diarista, e apenas com base no seu dialeto. Não foi dito o tom valorativo discursivo do atributo da atitude linguística das vezes em que ela foi “confundida” com uma empregada doméstica, mas ao reportar a sua profissão em caixa alta, acreditamos que há certa decepção por não vincular uma identidade linguística (falar como uma paraibana) a uma profissão de alta escolarização a qual ela ocupa (arquiteta), mas a uma atividade laboral de menor escolarização e de prestígio social (diarista).

Outra diáde observada na coleta de dados feita por Silva (2016) foi a relação pedreiro-engenheiro. Neste caso, a categorização do dialeto em relação à ocupação profissional é condizente, isto é, é a realidade do contexto. No entanto, a atitude linguística negativa é marcada pela realidade de oposição linguística e ocupacional. O colaborador é servente de pedreiro e menciona a sua situação enquanto nordestino na cidade de São Paulo:

Vou falar a verdade. O povo aqui é bastante preconceituoso com relação aos nordestinos. Agora com a vitória da Dilma, não que eu concorde, mas quem for nordestino, tá sofrendo muito...

(Silva, 2016: 87)

O mesmo falante menciona ser chamado, no ambiente de trabalho, de barriga verde, como exposto no seguinte depoimento:

eu trabalho numa obra onde até hoje me chamam de barriga verdade, sabe? É na brincadeira, mas sei que tem fundo é verdade, todos os pedreiros são nordestinos, e que me chama é o pessoal da engenharia.

(Silva, 2016: 89)

Diferentemente das avaliações linguísticas recebidas pelos paulistas, como “riquinha!”, “paulistinha”, os falantes paraibanos residentes em São Paulo receberam as avaliações linguísticas de “barriga verde”, isto é, de uma expressão que remonta um insulto regional, social, cultural, classista e linguístico. Ainda no que diz respeito à avaliação linguística proferida pela colaborada arquiteta, não ser reconhecida como uma “arquiteta” não é o problema, ao menos a nosso ver, mas ser apenas reconhecido(a) como pedreiro, doméstica e barriga verde, e apenas por ser nordestino e falar como um nordestino é que percebemos o porquê de ter havido tanta acomodação ao falar paulista.

Ainda sobre os falares e as suas autorrepresentações profissionais, isto é, a maneira como o estereótipo cria representações cognitivas de como associamos um falar a uma atividade laboral, podemos observar este aspecto de categorização em alguns outros trabalhos: No trabalho de Moralis (2000), que investigou o processo migratório de 5 grupos migrantes na Região do Alto do Araguaia (MT), observamos as atitudes linguísticas dos falantes em relação ao comportamento da vibrante retroflexa /r/ no falar mineiro e no paulistano:

Eu diria que é um açougueiro, agricultor, encarregado, sei lá, mas jamais um médico, um jornalista (...)

(Moralis, 2000: 79)

A associação do falar representado pelo /r/ retroflexo faz o falante ter uma postura de atitude linguística negativa em relação à impossibilidade de um sujeito falar desta forma e ter uma profissão considerada de “maior” prestígio, como é o caso de um médico, professor, jornalista, e que também lidam com a comunicação de forma direta.

Este mesmo aspecto estigmatizado sobre o falar relacionado, categorizado e julgado linguisticamente a partir do ofício que se espera que um sujeito ocupe, foi encontrado nos relatos de atitudes linguísticas presentes na pesquisa realizada por Lima (2013):

(...) assim, quando tem mais instrução é mais difícil de ter, mas eles têm também, só que eu percebo menos quando falo com médicos, sei lá, um chefe de setor...

a falante continua, ao dizer:

mas quando é do nível intermediário ou inferior, o pessoal da limpeza, daí eles rebuscam mais nesse sotaque carregado.

(Lima, 2013: 72)

A falante se refere ao fenômeno da palatalização da fricativa /s/ presente no falar recifense como um falar “carregado”, ou seja, cheio de “chiados” e que ela percebe que este fenômeno é mais recorrente no falar de pessoas com menos escolaridade, já a amenização dos fenômenos palatais no segmento /s/ é percebido quando o sujeito tem maior escolaridade.

No trabalho de Pinto & Fraga (2011), o falante 11/F manifestou uma avaliação linguística negativa com relação à substituição da lateral /l/ pela vibrante /r/ (tepe) a partir de uma identificação social desta variante como sendo um falar pertencente a um grupo socioeconomicamente desprovido: “(...) pobrema” (com tepe). Se falasse “pobrema” (com tepe) pode parecer errado, mas eu já identificava “pobrema” (com tepe) com caipira... cum linguagem da favela”. (Pinto & Fraga, 2011: 179).

Como falamos anteriormente, a variação linguística “problema/pobrema” é marcada pela sua representação estereotipada de um falar tido como “acaipirado”, ou seja, pertencente às pessoas que levam uma vida simples no campo, sítio, isto é, uma vida rural. Além da autorrepresentação linguística do falar acaipirado presente nesta variação estigmatizada, observamos que na ausência de um julgamento de atitude linguística relacionado à memória cultural e linguística que se tem sobre este falar – isto é, atribuído ao “universo acaipirado”, o falante resgatou outro estereótipo que, a princípio, não está tão relacionado com este fenômeno variacionista.

Como discorre Rocha (1984), o sistema de culturas é também marcado por um sistema de valores e, assim, por um sistema de estereótipos socioculturais. Um estereótipo (seja ele cultural, social ou linguístico) está quase sempre relacionado a outros estereótipos, pois na composição repousam as consciências que o falante tem em relação à vida social, assim, também detém os valores prescritivos, normativos, patriarcais, conservadores e também os valores elitistas sobre como as pessoas deveriam se organizar no universo da linguagem.

Diferentemente do preconceito, o estereótipo está basicamente ligado a uma percepção aparente sobre o Outro. Os estereótipos podem guiar o julgamento de atitudes linguísticas à medida que ele se torna responsável por fazer com que o falante desperte sentimentos em relação ao comportamento linguístico de outrem.

Desta maneira, o estereótipo é um produto cultural e é formado por um conjunto de predicados relativamente fixos, geralmente atribuídos intersubjetivamente, isto é, coletivamente, a partir do que se pensa sobre determinado grupo. O estereótipo é a pré-disposição à formação de preconceitos, visto que ele torna “natural” a crença de que há graus de valores e papéis desempenhados por determinado grupo social a partir da maneira que se fala.

O falante não satisfeito em atribuir e categorizar o julgamento linguístico do falar presente na variação “problema/pobrema” como sendo o falar “acaipirado”, ele também sinaliza outro estereótipo que, pare ele, parece ser similar a um falar típico da favela.

Ainda no que diz respeito à variação diastrática e à avaliação linguística sobre a variação enquanto forma de categorizar e estereotipar os indivíduos a partir de suas condições socioeconômicas, acreditamos que o julgamento linguístico a partir do parâmetro “socioeconômico” é uma estratégia que o falante busca para inter-relacionar o estigma linguístico a outros estereótipos, sejam eles culturais, regionais, sociais, socioeconômicos, profissionais, étnicos, de gênero, etc. Percebemos nos dados destes estudos analisados, que quanto maior e mais intenso forem os preconceitos linguísticos sobre determinada variedade de uma língua, mais eles se intensificam e cristalizam, pois há uma série de estereótipos sobrepostos aos linguísticos, criando resistência, força opressiva e um discurso, que muitas vezes xenofóbico, acaba deslegitimando o falar de grupos de minorias –como é o caso dos falares do Nordeste, de comunidades indígenas etc.

Achamos também relevante pontuar alguns aspectos presentes na pesquisa de Oushiro (2015), na qual a autora buscou compreender elementos da pluralidade identitária a partir da produção, avaliação e percepção linguísticas na cidade de São Paulo. Na pesquisa desta autora, compreendemos que há momentos relevantes sobre os estereótipos enquanto condução para o julgamento de atitudes linguísticas.

Os exemplos a seguir ilustram a associação da variante com a região da Mooca/Tatuapé e marcam o discurso popular sobre a ausência do plural nominal com o morfema –s, sendo ele atribuído à vinda maciça de migrantes italianos para esta região ou se a manifestação de atitudes linguísticas precederia à crença da variação segundo o juízo de valor elitista.

Em um momento da entrevista foi perguntado ao informante S1 o que ele achava da expressão “me vê dois pastel e um chopos”? E a manifestação de atitudes foi precedida por uma identificação de estereótipo socioeconômico:

S1: [risos] ah sei lá... ah pessoal menos instruído, ne? que fala assim ne... ‘dois pastel e um chopos’... e mais o povo, né?

(Oushiro, 2015: 358)

Com relação à manifestação de atitudes linguísticas vinculadas à percepção e à consciência dialetal, em um momento da entrevista foi perguntado a uma informante se ela achava que a forma de falar “me vê dois pastel e um chopos” era característica de algum bairro/região da cidade de São Paulo:

(28) D1: E você acha que tem bairros da cidade em que as pessoas falam mais desse jeito ‘dois pastel’ e outros que falam menos?

S1: acho, acho!

(Oushiro, 2015: 349)

A informante usa o estereótipo socioeconômico como justificativa para categorizar o falar e autoavaliá-lo:

S1: horrível, D1: [risos], S1: coisa mais ridícula do mundo... e... e tão comum, né, a gente escuta não só isso, mas outros erros... que é uma coisa assim surreal.”

(Oushiro, 2015: 348)

A informante após avaliar o falar como sendo “horrível” e algo “surreal”, demonstra uma justificativa para que ocorra este “equivoco” linguístico, a partir do estereótipo socioeconômico, como em:

S1: É, acho que sim, acho que principalmente os da periferia, né? Porque infelizmente não têm acesso à educação, a escolaridade é menor, então acho que isso é uma tendência.

(Oushiro, 2015: 351)

A mesma informante ao fazer o julgamento negativo de atitude linguística com o uso da expressão “horrível” também utiliza o pretexto socioeconômico presente na expressão “periferia”, na qual este uso está baseado na crença de que ao não “ter acesso à educação” é entendível que pessoas com baixo nível socioeconômico devem apresentar essa “tendência” discursiva. A atitude linguística negativa da falante, seguida de uma máscara linguística, traz em seu bojo ideológico uma representação que desconsidera as pluralidades linguísticas e funciona como uma forma de legitimar o falar sem a concordância nominal de moferma –s, como sendo um falar “subalterno”, “marginal” e, portanto, sem valor e credibilidade linguísticos.

Por fim, outro fenômeno estigmatizado é o caso das palatais /ʎ/, /ʎ/ e suas respectivas formas variantes [l, j, Ø], [w, j, ʎ] no falar paraibano, em especial, na comunidade de Jacaraú, no qual este objeto de investigação foi controlado pelo pesquisador Freire (2016), no intuito de compreender se estes segmentos laterais enquanto variantes sociais eram condicionados por atitudes negativas e positivas.

No estudo desenvolvido por Freire (2016), as variantes [l, j, Ø] representavam o falar nordestino/rural, enquanto a lateral [ʎ] estava relacionada ao falar nordestino/urbano. Os resultados obtidos na etapa quantitativa do trabalho revelam que falantes jovens e adultos manifestaram atitudes negativas quanto às realizações [l, j, Ø], as quais tiveram entre 81% a 91% de rejeição, enquanto a forma [ʎ] obteve 79% das atitudes positivas.

Sabendo que as laterais /ʎ/ e /ʎ/ são fenômenos fonético-fonológicos passíveis de avaliações linguísticas, conforme discutido no trabalho de Freire (2016), observamos que estas atitudes linguísticas também foram evidenciadas a partir de estigmas sociais, culturais, econômicos, profissionais e regionais.

Freire (2016) argumenta que ao trazer como exemplo numa enunciação a ocorrência da lateral /ʎ/, como por exemplo, na palavra “mulher”, o falante por não saber desempenhar a lateral de forma palatal, traz uma atitude positiva com relação a quem detém este comportamento linguístico, ao dizer: “eu acho muito bonito as pessoas que falam assim”, e ao longo da manifestação de atitude linguística o falante também concretiza a avaliação a partir do uso de uma crença linguística de identificação socioeconômica, como podemos observar na expressão “é bem desenvolvida”. Isto é, além de avaliar negativamente o próprio falar, o

colaborador avalia positivamente a variante de prestígio, conforme era esperado nas hipóteses do estudo de Freire (2016).

A percepção linguística sobre a distintividade entre os segmentos laterais /l/, /ʎ/ e suas respectivas variantes nos mostra que o falante tem consciência dialetal sobre o comportamento linguístico de sua comunidade e por pessoas fora dela, também podemos observar que esta consciência dialetal vem acompanhada de uma série de valores e crenças linguísticas acerca do que ainda se é considerado como “erro” e “acerto” linguísticos, “gramatical” e “agramatical”, “desenvolvido” e “subdesenvolvido”, “avançado” e “atrasado” de acordo com variedades de maior e menor prestígio linguístico.

Coadunamo-nos com a ideia de que todas as variedades, sejam elas do ponto de vista estrutural linguístico ou a partir de marcadores do discurso, são perfeitas e completas entre si. O que as tornam diferentes são os valores sociais e culturais que os sujeitos adotam sobre o comportamento linguístico em forma de avaliação. Desta forma, Labov (1972) adota uma perspectiva de língua em uso acerca dos fenômenos variacionistas, ao afirma que na língua não há formas mais “nobres” ou mais “pobres”, mas que há uma tênue disposição social e cultural para determinar os lugares de uso da língua. Isto é, se a língua é uma prática intersubjetiva e coletiva, a qual nos organizamos no mundo social a partir dela, é “comum” que valores etnocêntricos, formação de estereótipos e de preconceitos também repousem nos horizontes linguísticos criados pelos usuários de uma língua.

Numa abordagem científica da linguística, é inaceitável que encaremos que o objeto de estudo desta ciência encontre em si um erro. Ou seja, nenhuma ciência pode considerar a presença de erros em seu objeto de estudo. (Bagno 2002).

Tanto o “erro” quanto o “acerto” são projeções de avaliação criadas para legitimar o *locus* da ocupação social, cultural, política e linguística. A noção de erro linguístico depende não só do contexto comunicativo, mas da posição e do lugar ocupado pelo sujeito na pirâmide social. Isto é, quanto mais distante e desprovido o falante for em relação às “boas” condições de produção de linguagem, mais descaracterizado, subalternizado, inferiorizado e excluído ele será dos espaços de prestígio e assunção social.

Assim, a noção de erro e acerto linguísticos presentes na oralidade de comunidades de fala/prática de minorias (as quais são mais suscetíveis à rejeição social) são criações valorativas ancoradas na necessidade de reafirmar e marcar o espaço de prestígio entre aqueles que foram agraciados pelas “boas condições de produção” do ato linguístico, ou seja, aqueles que detêm o privilégio sociolinguístico, e aqueles que são marcados pelo comportamento linguístico socialmente considerado, no mínimo, como “não padrão”.

Ainda no trabalho de Freire (2016), observamos outras autoavaliações linguísticas sobre os segmentos laterais /l/ e /ʎ/ presenciadas pela justificativa socioeconômica. Em um dos momentos, o falante Eocp menciona que o exemplo fornecido pelo pesquisador em “trabalho/trabaió/trabai”, as ocorrências mais estigmatizadas receberam o seguinte julgamento linguístico:

Trecho 22: “as pessoas que não têm estudo fala errado... que já estuda... tem tudo...às vezes fala mais certo”. (Eocp).

(Freire, 2016: 163)

Ainda no que diz respeito a este exemplo, o colaborador JAO manifestou a seguinte autoavaliação linguística:

JAO - Trecho 32: Eu acho feio. Tem que falar certo (...) hoje em dia as pessoa fala tudo errado... a gente vê aquelas pessoa ... pobrezinhas ...que mora no sítio... fala errado ... ne? Tudo errado!

(Freire, 2016: 167)

Freire (2016) argumentou que a fala do colaborador Eocp, ao mencionar que ao ter mais escolarização e “ter tudo” às vezes faz a pessoa falar “corretamente”. A expressão “tem tudo” está relacionada à consciência que o falante tem sobre o poder socioeconômico quanto às formas linguísticas de maior status que o falante pode obter.

Enquanto no depoimento do falante Jao, podemos observar com maior riqueza de detalhes a presença tanto de manifestação de atitude linguística como de uma justificativa para a avaliação linguística sendo baseada numa razão socioeconômica. As variantes mais estigmatizadas no exemplo dado pelo pesquisador foram atribuídas pelo falante a partir da autoavaliação linguística negativa “acho feio” e “fala errado... tudo errado!”. A atribuição do julgamento negativo em relação às condições socioeconômicas pode ser observada a partir da expressão: “(...) aquelas pessoa .... pobrezinhas... que mora no sítio”.

Desta forma, o falante Jao acredita que pessoas mais pobres e que moram no sítio são mais suscetíveis a realizarem a forma dita “errada” por ele. A partir deste exemplo, podemos identificar que as máscaras linguísticas podem co-ocorrer no momento da avaliação linguístico. Apesar da palavra “sítio” ter sido utilizada muitas vezes na secção da máscara de identificação regional, aqui ela recebe outro efeito de sentido, o de desprovimento de uma vida socioeconomicamente favorável comum às pessoas que moram nas áreas mais centrais da cidade de Jacaraú.

Assim, observamos que a enunciação “que mora no sítio” está mais relacionada à condição socioeconômica mais simples, do que ao aspecto caricaturado da pessoa que vive, trabalha e mora no sítio – o sertanejo, caipira, lavrador, etc.

Quando o tema favela é abordado pela grande mídia ou pelo senso comum, observamos que ele surge a partir do apagamento de elementos sócio-históricos fundantes, como é o caso da enorme mão de obra provinda do Norte e Nordeste durante o processo de industrialização do Sudeste; da marginalização e opressão social, cultural e histórica pela população de negros e negras, os quais se configuram como seres indesejados que habitam o lugar de “atraso”, “sujo” e que precisa ser extirpado da cidade.

Por fim, quando observamos os fenômenos variacionistas de forma descompartimentizada da diversidade humana, isto é, sem levar em conta que a variação é natural e construída nas relações humanas a partir da diversidade cultural, econômica, social e profissional, estamos inevitavelmente reproduzindo mais violência simbólica e gerando mais assimetria social. Assim, se observarmos estas diferenças a partir de crenças, dos valores maniqueístas, binários, dicotômicos e conservadores do patriarcado, o resultado é a criação de novos guetos sociais e de estereótipos linguísticos a partir do julgamento de atitudes. É necessário, por fim, que passemos a observar a língua e os seus fenômenos como sendo parte integrante da diversidade humana.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho definiu-se como uma análise teórica sobre estudos voltados às atitudes linguísticas e sobre os processos que podem acentuar o fenômeno de acomodação dialetal e estudos variacionistas. Estudos como estes aqui (re)visitados já apontavam para que quando a sociedade é capaz de perceber mudanças linguísticas, começa a atribuir valores (positivos ou negativos) com relação às formas de variação, sendo essa autoavaliação um indicador do contraste sobre “quem sou”, “de onde venho”, “onde estou” e “para onde vou”.

No trabalho de Lopes (2012), observamos que os telespectadores fazem julgamentos acerca do padrão de locução dos repórteres locais, podendo ou não eles apresentarem marcas regionais. As atitudes negativas quanto às variedades estudadas dizem respeito mais estilo, pois são criadas expectativas quanto à maneira que achamos mais convenientes ao gênero jornalístico de comunicação.

Nos trabalhos desenvolvidos por Moralis (2000), Pinto & Fraga (2011), Lopes (2012), Chacon (2012), Lima (2013), Lima (2013), Oushiro (2015), Silva (2016), Freire (2016) etc, podemos observar que o papel exercido pelas atitudes linguísticas é subjacente ao ramo axiológico e aos estigmas e estereótipos fundantes em relação ao julgamento. Isto é, o julgamento é motivado por uma série de crenças e máscaras linguísticas que os falantes usam para legitimarem o que esperam do comportamento linguístico de Outrem.

Por fim, acreditamos que as atitudes delineiam e acentuam o fenômeno da variação, diversidade e mudança linguística, tanto no interior de comunidades de fala quanto em processos migratórios. Acreditamos que os fenômenos linguísticos discutidos neste estudo, são, portanto, respostas às diferenças perceptuais de variantes presentes em dialetos distintos, como também por questões históricas, culturais, de reafirmação, integração e interação em grupos, geram também um reforço à acomodação, visto que a língua tem bases cooperativas, e assim, quanto menos diferenças existirem no ato dialógico, mais próximos os usuários dessa língua se serão uns dos outros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguilera, Vanderci de Andrade. 2008. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras, em *Estudos Linguísticos*, 37 (2): 105-12.
- Bagno, Marcos. 2002. A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística, em Marcos Bagno *et al.* *Língua materna: letramento, variação & ensino*, São Paulo, Editorial Parábola: 13-84.
- Bourdieu, Pierre. 1999. *¿Qué significa hablar?* Madrid, Ediciones Akal.
- Bourdieu, Pierre. 1999. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo, Editorial Perspectiva.
- Chacon, Karoline de Albuquerque. 2012. *Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa*, João Pessoa, UFPB. Dissertação Mestrado em Linguística, 118pp. Disponível em: [https://sig-arq.ufpb.br/arquivos/2012029094934c0032928fa5edac95ff/dissert\\_PDF\\_ficha\\_catalografica.pdf](https://sig-arq.ufpb.br/arquivos/2012029094934c0032928fa5edac95ff/dissert_PDF_ficha_catalografica.pdf).
- Clopper, Cynthia & David Pisoni. 2001. The nationwide speech project: a new corpus of American English dialects, in *Speech Communication*, 48: 633-644. Doi: 10.1016/j.specom.2005.09.010.
- Clopper, Cynthia & David Pisoni. 2004. Some acoustic cues for the perceptual categorization of American English regional dialects, in *Journal of Phonetics*, 32: 111-140. Doi: 10.1016/s0095-4470(03)00009-3.

- Coupland, Nikolas. 2007. *Style: language variation and identity*, London, Cambridge University Press.
- Fernández, Francisco Moreno. 1998. *Principios sociolingüísticos y sociología del lenguaje*. Barcelona, Editorial Ariel.
- Freire, Josenildo Barbosa. 2016. *Variação, estilo, atitude e percepção linguística: o caso das laterais no falar paraibano*. João Pessoa: UFPB, Tese Doutorado em Linguística, 234p. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9220>.
- Giles, Howard *et al.* 1982. Dimensions of welsh identity, em *European Journal of Social Psychology*, 7: 29-39. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420070205>.
- Giles, Howard *et al.* 1991. *The Contexts of Accommodation: Developments in applied sociolinguistics*, New York, Cambridge University Press.
- Gumperz, John Joseph. 1986. Linguistics and social interaction in two communities. In John Joseph Gumperz, & Dell Hymes, (Eds.). *The ethnography of communication*. Washington, D. C. American Anthropological Association: 137-154.
- Kaufmann, G. 2011. Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos, em H. Mello *et al.* *Os contatos linguísticos no Brasil*, Belo Horizonte, Editora UFMG: 121-137.
- Lambert, Wallace. 1967. The social psychology of bilingualism em *Journal of Social Issues*, 23: 91-109. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1967.tb00578.x>.
- Labov, William. 1983. *Modelos sociolingüísticos*, Madrid, Ediciones Cátedra. Tradução de José Miguel Marinas Herrerias.
- Labov, William. 1972. *Padrões Sociolingüísticos*, São Paulo, Parábola Editorial Tradução de Marcos Bagno; M<sup>a</sup> Marta Pereira Scherre & Caroline Rodrigues Cardoso.
- Lima, Izete de Souza. 2013. *Acomodação dialetal: análise da fricativa coronal /s/ em posição de coda silábica por paraibanos residentes em Recife*. João Pessoa: UFPB. Dissertação Mestrado em Linguística. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6438>.
- Lopes, Leonardo Wanderley. 2012. *Preferências e atitudes dos ouvintes em relação à variação linguística regional no telejornalismo*, João Pessoa, UFPB. Tese Doutorado em Linguística. Disponível em: <https://sig-arq.ufpb.br/arquivos/2015170023a384092272adc3304a7de6/LWL24042015.pdf>.
- Markham, Clements Robert. 1999. *Contributions towards a grammar and dictionary of Quichua*, London, Trübner & Company.
- Marques, Sandra Maria Oliveira. 2011. *As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal*, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ. Tese de Doutorado. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp001806.pdf>.
- Moralis, Edileusa Gimenes. 2000. *Dialetos em contato: um estudo sobre atitudes linguísticas*, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de estudos da linguagem. Dissertação Mestrado. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP\\_8421442976c0bda921a4d7aac0bf4b0a](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_8421442976c0bda921a4d7aac0bf4b0a).
- Niedzielski, Nancy. 1999. The effect of social information on the phonetic perception of sociolinguistic variables, em *Journal of language and social psychology*, 18(1): 62-85. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0261927X99018001005>.
- Oushiro, Livia. 2015. *Identidade na pluralidade: Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*, São Paulo, Universidade de São Paulo. Tese de doutorado. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-15062015-104952/publico/2014\\_LiviaOushiro\\_VCorr.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-15062015-104952/publico/2014_LiviaOushiro_VCorr.pdf)
- Pinto, Camila Maria Augusto & Leticia Fraga. 2011. Professores de língua em formação e o /r/ retroflexo: um estudo sobre atitudes linguísticas, em *Periódico: Línguas e Letras*, 12(22): 149-179.
- Preston, Dennis. 1989. Five visions of America, em *Language in society*, 15(2): 221-240. Doi: <https://doi.org/10.1017/S0047404500000191>.
- Rocha, Everardo Guimarães. 1984. *O que é etnocentrismo*. 11<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Silva, Mikaylson Rocha da. 2016. *Contato dialetal: atitudes do falar paraibano em São Paulo*, João Pessoa, UFPB. Dissertação Mestrado em Linguística. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11632>.